

JORNAIS

Jornal do governo, sem dinheiro, é a coisa pior do mundo. Como se explica que a "Fôlha de Minas", que tinha sido, nas mãos de Afonso Arinos, um dos melhores jornais do Brasil, e depois, nas mãos do governo, de queda em queda, chegasse a tirar apenas 3.000 exemplares, tenha resolvido reagir, multiplicar a tiragem, organizar sucursais, fretar aviões para concorrer com os jornais paulistas no sul de Minas?

É que essa rapaziada que faz o jornal está naquela fase sagrada da carreira em que todo mundo trabalha com entusiasmo. O jornal perdeu, na parte do noticiário, aquele jeito oficioso que faz o leitor bocejar — e desconfiar da mínima notícia. É feito com vida, por uma equipe sedenta de dar "furos", de melhorar, de aparecer, de circular, de vencer.

Não aprovo que o governo seja, direta ou indiretamente, proprietário de jornais, e veria com prazer uma lei que evitasse essa anomalia em um regime democrático. Lei que, por sinal, poderia ir mais longe, tirando do puro arbítrio político a concessão de crédito, nos estabelecimentos oficiais, às empresas jornalísticas, e a distribuição da publicidade dos órgãos do governo. E mais longe ainda, estabelecendo normas para a publicidade das empresas particulares que exploram serviços públicos. Resguardar a imprensa de influências perturbadoras da liberdade de opinião, sem lhe tirar os meios de vida é um problema complexo e delicado que deve ser enfrentado quando se quer, realmente, construir uma democracia. E o que estamos vendo no Brasil hoje é exatamente o agravamento do processo oposto. Quase onipotente no rádio, o governo aumenta sem cessar a sua força no seio da imprensa. Coisa boa não é o que se pretende com isso.

A "Fôlha" foi parar às mãos do governo muito naturalmente, levada pelas dívidas bancárias — e o governo de Minas se dá ao luxo de ter nada menos de três grandes bancos. Dentro da anomalia dessa situação, que nem o governador Milton Campos, democrata dos mais escrupulosos, conseguiu resolver, dá gosto a um profissional como eu, que trabalhei na antiga "Fôlha", assistir a esse surto de entusiasmo que, pela emulação, veio animar também os outros diários de Belo Horizonte.

Passei toda a manhã de domingo, no quarto de um hotel de Belo Horizonte, lendo os jornais da cidade. Belo Horizonte está, na realidade, com uma imprensa de primeira classe. Sua tarefa atual é conquistar Minas, território tradicionalmente dividido em zonas de influência dos jornais do Rio e de São Paulo. E a "Fôlha" partiu brilhantemente nesse rumo, que, afinal de contas, quer dizer transformar Belo Horizonte na capital de todos os mineiros.

15/10/52

R. B.